

Pseudonym

Waldemar

See page 2 of the book

Vem ouvir a voz do mar!



Vem ouvir a voz do mar!

Vem ouvir a voz do mar,
Ele canta a natureza,
Conta histórias de admirar
Com suave encanto a beleza!

Diz aos outros portugueses,
Desde os novos aos mais velhos,
Que venham todos os meses
Escutar os bons conselhos.

Dá à vida o teu adeus
E entra como um balão de ar
No reino eterno dos céus...

Não sei se estou a sonhar:
Até parece que Deus
Nos fala através do mar!



Parábola do grão de senador

A arte da natura

Eu sigo com o olhar
A imensidão do mar:
Parece uma pintura!

Tento, mas não consigo
Ver aquilo que digo:
É como uma escultura!

E oiço uma melodia
Do país-fantasia:
Que suave partitura!

Quem será o criador
Que reveste de amor
A arte da natura?



Parábola do grão do sementeador

O sementeador
Lançou um grão à terra.
Por acção da natureza
E da vontade do sementeador
Ele foi-se transformando
Numa bela flor.
Os dias passavam
E a flor crescia,
Abrindo para a vida.
Era uma flor
Bela e pura
Porque tinha o amor
Sincero e leal
Do seu senhor.
Mas um dia
Em que o sol abriu,
De manhazinha,
O sementeador partiu.
Tudo se modificou!
A flor
Olhou em redor
E tremeu, tremeu...
Sentiu-se desfalecer!



Volvidos meses e anos,
Depois de muitos sóis,
A flor começava
A sentir-se maior.
Os seus dois botões
Eram belos e puros
Porque possuíam
O seu amor,
Mais sincero e leal
Do que outro qualquer.
E a flor
Cantava mais alto
Do que as outras flores
A própria felicidade,
Trovas e graças
Ao seu criador:
Deixando ficar
De C. " Cresci! a chorar.
Sinto-me jovem
Para a vida,
Folgo de alegria
À volta do mar de rosas
Do jardim que criaste,
Semeador!

O tempo urge,
É necessário tratar
Dos pupilos
Antes
Que a geada traiçoeira
Os leve.
Ajuda-me a velar
Por eles,
Senhor! "

O sol sorriu
E os botões
Tornaram-se belas flores
Entre as rosas do jardim.
Veio a geada
E ela desapareceu,
Deixando ficar
Os dois botões a chorar.
O semeador
Também chorou...
E as rosas do jardim
Juntaram-se em coro
E disseram:



Uma flor é...

a alegria
de trabalhar,
a alegria
de se sentir útil,
na sorriso largo
de um rosto aberto,
a esperança
de uma criança,

" Não chores!

A semente
Que lançaste à terra
Era boa,
Assim como os botões
Que dela brotaram.
O fruto
Também será bom
Pois terá

o nosso amor! "



Uma flor é...

o desquite
da realidade,
a alegria
de um triste dia,
um sorriso certo
de um botão aberto,
a esperança
de uma criança,
o convite
à eternidade!



... e a terra se abria
... e a terra se abria
... e a terra se abria
... e a terra se abria

... e a terra se abria
... e a terra se abria
... e a terra se abria
... e a terra se abria

... e a terra se abria
... e a terra se abria
... e a terra se abria
... e a terra se abria

II

MAR PORTUGUÊS



Como é ?!

Depois da criação do universo
As coisas não pararam de criar:
Porque é que, sendo tudo controverso,
As sortes vão tendendo a continuar?

Como é que o mar se agita como um verso
E as ondas nunca cessam de gritar?
Até o nascituro vem ao berço
E torna-se capaz de procriar!

Porque é que em terra os pombos são de amor
Mas na água são gaiotas simplesmente?
Como é que falará o criador
Se há na natureza tanta gente?...

Te és mar português
Porque Poesias são Rezas
Torraram o teu canto
afrodisiaco de poesia.



Ode ao mar

A 112 poeta

Não basta tapar os ouvidos
Para deixar de te escutar,
Ó protector dos lusitanos:
Mesmo perdendo os sentidos
Ainda te ouvimos cantar,
Sejamos gregos ou troianos!

Alta-te a inspiração
Para eu fazer um cântico.

Na era das lendas fomos nós
Que, pintados de marinheiros,
Sentimos a tua maresia.
Por isso és o mar português
Que atravessou o mundo inteiro
Em cânticos de poesia!

A um poeta

Poeta, ensina-me a cantar,
Dá-me o dom de versificar
Para que eu possa poetisar.

Empresta-me a concentração,
Aluga-me a inspiração
Para eu fazer uma canção.

Dá-me a experiência vivida,
Deixa-me sentir a tua vida
Para eu fazer uma poesia!

Saudade

Ó velho Portugal
da terra ao mar:
-qual o teu mal?

Os teus filhos construíram
destruindo a paz
tratados económicos de cooperação
visionando um futuro melhor
para ti.

Os teus homens
esqueceram-se que são homens
do teu passado
 marinheiros da cultura
 trovadores da religião
 estivadores do pão
 pescadores do quotidiano
 gestores do mar.

Hoje são marinheiros
 amadores
 trovadores
 da poesia.

I. M. A. Amor

Os teus filhos, deusa antiga,

esquecidos, ali se escauram;

extinguem-se a paixão e a

palavra-não de Portugal!

adivinhando, amor fútil,

por alguns vultos deirados.

É a tua voz, divina, divina,

que nos dá a vida e a morte e a vida;

remanescentes de Cântico

de lírios e de rosas, e de dor,

que se fez de muitos corações.

Os teus filhos crescem

julgando-se homens

do teu passado, ternos filhos,

mas ficaram, e canções,

aquém do Bojador. e esse amor!

Estás velho, Portugal!

À ninfa amor

fruto do meu canto, deusa amada;
ninha conhecida, universal;
musa inspiradora e apaixonada
dos génios, fada-mãe de Portugal!

tu, doce sofrimento, amor fatal,
chamada por alguns vela doirada,
por outros puro engenho divinal,
fizeste apparecê-lo de entre o nada:

raiz dos pensamentos de Camões
poubeste dar-lhes forma, pela dor,
adaste um só em muitos corações.

qui eu te enalteço, terna flor,
pelos versos, sonetos e canções
que ele fez. Obrigado, musa amor!

A António Nobre

Um sorriso esvai-se
Do teu porte sublime,
Indiferente.
-Vês lá longe, Anto,
Os navios, do alto?
Deixa os homens!
Eles ergueram-te
Como a um santo
No altar,
Leram "o livro mais triste
Que há em Portugal"
Uma vez, duas, três,
Mas esqueceram-te.
Sorris a quem passa,
Ninguém te quer mal:
Param, olham-te
E sentem dó
...Até te olvidarem.
Eles não sabem que,
Cada vez mais Nobre,
Enfrentas o mundo
Sempre... Só!

Madeira

Impossível porque,

Afastar do pensamento

A verdade: que eu vale a pena,

Brilha todo o ano,

Madeira sem par.

Pérola do oceano,

Flutuas no mar!

O avião não,

Já vai longe da capital,

Afasta-se do Portugal pequenino

Que ainda não conheci.

Os passageiros riem-se

Do piloto que é português.

Que lhes tinha endereçado

Uma saudação hospedeira

-Porque era português.

E eles eram minhotos,

Vieram do norte português

E não gostavam da capital,

Nem do aeroporto

Nem do piloto.

Riam-se

Porque ele era português...



E eu rio-me

Porque estás mais perto de mim

-O mar sabe porquê.

Só eu é que não sei a Jesus,

O brilho que me vais dar,

Madeira do mar!

Não sou poeta,

Nunca me quis tal

(Basta pensar para o ser)

-Um poeta não, a Portugal,

Que é mais maroto

Que o piloto:

Endereçaria versos

À hospedeira

-Porque ela é portuguesa.

Mas um marujo, sim,

Porque vive no mar:

É preciso ser-se português

Para te amar,

Madeira sem par!

Mensagem numa garrafa

Lancei uma garrafa ao mar pelo Natal
Para que as ondas falassem a Jesus,
Contendo uma mensagem num postal
Onde lhe peço amor, paz, fé e luz.

Na carta que enviei ao bom Jesus
Pedia-lhe que olhasse a Portugal,
Dando uma política de truz
A todos os irmãos que fazem mal.

Espero que me atendas, bom menino,
Na prece que te rogo com fervor:
Atende este teu servo pequenino,

Fala de Portugal ao grão-senhor
Para que nos faça iguais, filhos de um hino!
E dá-nos felicidade, paz e amor...



Carnaval

É terça-feira, entrudo, carnaval...
Quantos nomes podemos-lhe chamar!
Sim, este dia, sempre o mais genial
Que todos procuramos para folgar.

Este ano, como vou me mascarar?
No ano passado eu era o Pai Natal.
O que vou, fazer, como me arranjar?
Eureka, eis uma ideia original!

Aqui está: com uma venda e com uma espada
E os "assinaladíssimos barões"
Eu ir-me-ei mascarado pela estrada.

Assim sorrir-me-ão muitos peões
Julgando-me pessoa ilustrada,
Pois serei o Luís Vaz de Camões.

Cantiga de romaria

Irmã velida, roga comigo d'ir
a San Tiago por eu um amigo cousir,
se vos ben aiades.

Irmã louçana, faz-me esta mesura
ca nostra madre see mui dura,
se vos ben aiades.

Y se nostra madre nos embargar
d'ir a San Tiago, bamos as duas rogar,
se vos ben aiades.

Formosa irmã, bamos as duas rogar
d'ir a San Tiago de Antas baylar,
se vos ben aiades.

Chamava-se Maria

Descalça vai para a praia
Maria da formusura,
Devagar mas não segura!

Numa mão leva o calçado,
Carrega-o com aforia
Pela calada imatura.
Na outra procura o seu fado
Envolta na fantasia:
Devagar, mas não segura.

Descalça vai pela areia
Maria da formusura:
Devagar mas não segura!

Chegando ao grande penedo
Como quem vai a brincar,
Salta para a rocha dura.
Maria, não tenhas medo,
Sobe sempre para o ar,
Devagar, com formusura.

Descalça vai para as ondas
Maria da formusura:
Devagar mas insegura!

E já distante da praia
Atira-se para o mar,
Mas sorrindo com candura.
Maria é uma sereia
Ninguém o pode negar:
Como é bela, como é pura!

Descalça nada no mar
Uma formosa sereia
...Que se chamava Maria!

Salva-me esse homem!

Homem ao mar
vai-se afogar
a sua mulher
já não o quer
bateu-lhe a porta
ficou na horta
fugiu de casa
como uma brasa
quase a chorar
para se atirar
ao mar.

Minha senhora
daqui a uma hora
o seu marido
estará perdido
mas se quiser
venha-o ver
ele está bem
mais do que bem
enquanto não
lhe der razão
para amar.

Salva-me esse homem!

Queima-me, sol!

Queima-me, sol,
Encadeia o teu sorriso em mim,
Faz-me sentir fraco,
Aquece o meu corpo gelado
E carente de amor,
Dá-me o teu calor,
Torna-me impotente
Diante de ti,
Deixa-me sentir
A tua grandeza
Acima de mim
E se eu gritar
Não páres de brilhar,
Não páres, por favor,
Ofusca a tua luz em mim,
Mísero espectador,
Escalva a pele do meu corpo,
Tranforma-me os ossos em penas
E os braços em asas
E faz-me voar para ti
Que nem um titã,
Alpinista do espaço
Para absorver o teu poder.

Chama-me pela tua chama,
Esfola-me,
Torna-me teu escravo,
Tua brasa,
Teu mulato:
Entrego-me... mas deixa-me ver
Como me torno servil;
Despe-me estas roupas cansadas,
Este coração aberto
Pelas chagas dos homens,
Toma-me... queima-me... chama-me...
-Que eu já lá vou!

A lua vigilante

O vento libertou uma rajada,
Mas dois jovens tentavam caminhar
Naquela natureza ensombrada,
Na noite que brilhava ao luar.

A chuva deslizava pela estrada,
Impossibilitava-os de andar,
E eles continuavam a falar
Pela rua deserta e molhada.

Silenciosa, de olhos prostrados
Neles, a lua ficou para escutar
A confissão dos dois apaixonados.

Logo a seguir veio um beijo arar
O silêncio dos campos e dos prados.
...Mas só aquela lua os via amar!

O palácio da felicidade

Para além das nuvens, de todo o céu,
Superando os sonhos imaginários,
Ergue-se o palácio que já foi meu,
Cheio de florestas e campanários.

Sim, desde que segui um rastro -o teu,
Cantaram os pardais e os canários,
Deram as mãos católico e judeu,
Uniram-se num só todos os rios.

Formou-se o solar da felicidade:
A tristeza mudou para alegria
E a mentira passou para verdade,

A noite ficou um radioso dia,
A hora tornou-se uma eternidade,
A guerra deu lugar à poesia...

Anima-te

As barreiras
mais altas
são nossa aspiração;
não basta
ultrapassá-las
para
vencermos sempre
porque
nós ao passá-las
também
somos sublimados;
precisamos
parar
pelo menos uma vez
para
sentir o valor
dessa sublimação
porque depois
de parar
estaremos
mais fortes:
já podemos
continuar!



Se hoje...

Se Deus chamasse por nós
Quem seria hoje o Moisés
Capaz de ouvir a sua voz?
Um homem forte, talvez
Resolvido a acreditar
Num sonho ou uma visão
Para tentar libertar
Os homens da escravidão.
E quem teria outra voz
Para transmitir em sua vez
O que ele iria escutar?
Quem seria hoje Aarão?...

O silêncio é utopia

Sai do meu caminho,
Onda do mar!
Não sejas teimosa
Porque já não oiço a tua voz.
Estou farto de ouvir
Os lamúrios do silêncio.
Não sabes que o perturbas?
Vá, deixa-o em paz!
Podes continuar
A desprezar os rochedos,
Podes até bater-lhes
Que eu não me importo:

Minha alma cansou-se de chorar...

IV

SONHO DE AMOR



Um sonho parcial em amnésia total

As árvores...
as flores...
os pássaros a voar...
a água a correr...
o aluno diligente...
os peixes...
as rochas...
o mar a chorar
nas costas do espaço...
o dia alegre...
a velha amizade...

...Não consigo pensar:
as ideias navegam
na profundidade do meu ser
mas eu não as posso agarrar,
elas são essências
que o intelecto transforma,
sem desformar.



Ser ou não ser...
poder vir a ser...
ou nunca esperar ser...
mentir...
usar uma máscara de carnaval
para sentir
um naco de felicidade...
fugir de casa de madrugada...
passear pela rua deserta...
desprezar a humanidade...
chorar...
regressar ao luar...
pensar...
sonhar...

Engraçado!
como um poema alberga mil ideias
mas agora
eu não me sei inspirar.

Glu
glu
glu
...Ai se elas soubessem boiar!

Dormir

Como eu queria tanto
cair no vácuo imenso
da escuridão
e dormir!
Andar descalço nas ténebras,
pela solidão,
sentir as sombras da lua
acima dos lençóis,
deslizar suavemente
pelo seio do colchão
e desaparecer
dos fofos cobertores,
entrar na moleza da almofada
e depois jazer...
debaixo do telhado.
Deixar de viver
durante as trevas
e ressuscitar num novo dia!
Que bom seria...
não mais ouvir
a voz do pensamento
e mergulhar
na orla do silêncio!

Como eu queria
fazer do sono
a minha profissão,
partir numa viagem de avião
e voar,
voar longe,
mais alto que as estrelas,
ao lado das ideias
e nunca mais voltar!

Quem me dera
que as lágrimas fossem rosas
e as balas muitas flores.
Tornar a nostalgia
um lírio de alegria,
cantar trovas de amor
de noite até ser dia!
Fechar as janelas
ao sono
e dormir,
só dormir...

Oh!
Que bom seria...

Sonho de amor

Naquele dia,
Além do nevoeiro,
Algo iria acontecer.
Não sei porquê,
Mas estava a predizer
O que se iria passar,
Como um profeta
A ensinar entre as estrelas...
Acordei cantarolando
Uma canção de embalar.
Não é de pasmar?!
Não sei...
Perguntem às estrelas!
Talvez o sol
Que não chegou a nascer
Saiba responder:
Esse teve sorte,
Ainda não se levantou;
A névoa era mais densa,
Ele adormeceu...

E ficou a vigiar
O que haverá
Lá longe,
Para lá do mar.
É só silêncio,
Nada mais...
É deixá-lo andar:
Quem lhe quer mal?
Talvez o barquinho
Ancorado na margem
Saiba responder:
Esse adormeceu
Depois do sol se deitar,
Com as ondas a bailar.
" Barquinho pequeno,
Que aconteceu no mar
Que não sabe falar? "
Não respondeu, está a dormir.
Deixai-o estar,
Enquanto estiver
Não acorda ninguém!

Talvez o pescador
Que mora no cais
Possa responder:
Levanta-se cedo,
Primeiro que o dia,
E põe-se a marchar
De cana e anzol
Pelas docas do cais.

" Pescador
De passo apressado,
Porque vieste tão cedo
Namorar o farol?
Se o mar não te fala,
Porque estás a pescar?
...Não vês
Que o dia murchou,
O sol se escondeu
E o mar se calou?
Pescador,
Ó homem de bem,
Porque não falas
Também?... "



Eu sabia
Que algo iria acontecer,
Acontecer.
Mas ninguém
Me queria responder:
Ficavam todos mudos,
E eu surdo,
A escutar...
Naquele silêncio
Voltei para o mar
E deixei-me
Prostrado na areia,
A sonhar.
Tinha percorrido
Muitas milhas,
Tanto tempo se passou,
E eu
Ali estava,
Diante de uma vitrina,
Sem saber
O que fazer...

Eram muitas
Coisas belas
Que eu podia escolher,
Todas elas
Tão singelas
Que atraíam o meu ser.
Eu lá morava, perplexo,
Diante
De tais riquezas
Que ofuscavam
Os meus olhos,
Como diamantes.
Até parecia
Que nada existia
Entre o sonho
E a realidade:
Apenas
Um muro transparente
Nos separava,
Mas eu tinha já passado
Para o outro lado!

Foi aí
Que a encontrei
Pela primeira vez...
Nada lhe perguntei,
Nem ela me respondeu.
Bastou o seu olhar
Terno e amigo
Para quebrar
A barreira
Que me impedia de entrar.
E cheguei
Ao reino maravilhoso!
Olhei-a de um lado
E vi-a sorrir.
E bastou o seu sorriso,
Confiante
Para me fazer
Mais feliz,
Depois
De ter naufragado
Pelos caminhos da incerteza.

Por isso
O mar perturbado
E o sol adormecido
Não me podiam atender,
Nem sequer
O barco ancorado
Ou o pescador honrado
Me sabiam responder,
Porque
Eu vagueava na areia
Em busca de amor.
Mas ali
Encontrei o meu caminho:
Planei
Pelos confins da ilusão,
No paraíso.
Ali,
Onde "a vida é jovem
E o amor sorri"
Eu nada procuro mais.

...Porque posso sonhar!

ESCRAVOS DO MAR

Tal a pena viver?!...

Quando era um jovem.

Quando,

Quando,

Sonhava... como um jovem.

Os seres criadores

que o tinham plantado

Na terra do universo

Desapareceram.

A juliana

Já não lhe passava cartão.

Não sabia como estudar

Nem lhe interessava saber;

O que lhe importava

Era poder sentir

A beleza da vida.

...Mas como viver

Se há por aí gente a morrer?

Se há quem

Não pode ficar isolado

Na noite escura!

V

ESCRAVOS DO MAR



Vale a pena viver ?!...

Onofre era um jovem.

Pensava,

Agia,

Sonhava... como um jovem.

Os seres criadores

Que o tinham plantado

Na areia do universo

Desapareceram.

A Julinha

Já não lhe passava cartão.

Não sabia como estudar

Nem lhe interessava saber:

O que lhe importava

Era poder sentir

A beleza da vida.

...Mas como viver

Se Há por aí gente a morrer?

Um homem

Não pode ficar isolado

Na noite escura!

Um dia,
Como Adão no paraíso,
Provou
O outro lado do fruto:
Os outros
Deram-lhe uma maçã proibida
E ele gostou.
Todos os dias
A colheita crescia
De mais para muito,
Sempre, sem parar.
Onofre extasiava-se
Num sonho de orgia
E ao cair da tarde
Já não sentia
Se alguém caminhava
Pela rua,
Se o vento soprava
Ou estava sol,
Se caía a lua,
Se era noite ou dia...



Drogava-se mais, mais,
Num perpétuo movimento.
Afundava-se
Na profundidade do oceano:
Mar de saudade,
Amargura,
Arrochado de infelicidade,
Com atrevidas ondinas
Que o afastavam da realidade.
Nadava numa maré
Infestada de tubarões:
Vagas remotas
Que se afundavam
Na placidez do seu ser!
Mais, mais,
Cada vez mais...
Ali estava ele
Num alegre vai-vem,
Debaixo do céu azul.
As ondas iam...
E vinham...
Passavam em redor.

Mas ele permanecia
Colado à sua quimera,
Alheio ao futuro,
Desaventurado.

O vento murmurava,
Trazendo recados
Da areia da praia.

Onofre olhou:
Sentia-se distante...

Tão afastado!

Tornou a olhar.

Não!

Nem as ondas do mar

O deixariam voltar.

Até parecia

Que ia regressar,

Mas não:

Já nem sabia nadar!

Afundava-se mais,

Cada vez mais,

Até que um dia

Desapareceu.

Mãe, agora tão longe de ti!

Mãe,

estou tão longe de ti!
Não choras, suplicante a dar
que mais te afasta de mim.
Fúria e teimosias
Culpavam o nosso amor;
Aquilo tudo o que eu via
Eu não te dizia a ti,
Era outro que estava em mim:

-falava só por falar.

...E pelas ondas do mar
Veio-se a saber
Que Onofre ainda falara
Antes de morrer:

-Vale a pena viver ?!...

Mãe, estou tão longe de ti!

Mãe,
Estou tão longe de ti!
Não chores, suplanta a dor
Que mais te afasta de mim.
Intrigas e teimosias
Culparam o nosso amor;
Aquilo tudo o que ouvias
Eu não to dizia a ti,
Era outro que estava em mim:

-Falava só por falar,
Fazia que não te amava;
Queria-me libertar
Por ter sonhado que voava...

Eis aqui a minha vida, Pai!

Ensinaste-me a vencer
Os muros da construção,

Pai, repê-lo de noite,

Eis aqui a minha vida!

Ela é como uma vela

Que arde na escuridão

Sem nunca se consumir.

Tu és aquele que tem

O dom de velar por mim

Porque os fósforos estão

Mais seguros na tua mão.

Depois ardeste a tua mão

-Da lá corria o saber-

E deste-me a escolher

Ela só pode aluzir

Se alguém a acender:

Assim eu posso viver

Porque me quiseste amar.

-Mas eu queria amar, Pai,

E como queria saber!

Eis aqui a minha vida,

Aqui está a tua vela!

Com toda a meu querer...

Ensinaste-me a vencer
Os muros em construção,
No crepúsculo da noite,
Para que eu pudesse ter
Mais caminho, mais amor.
Durante o dia ou a noite
Tu vieste me atender,
Sempre para me acender.

Depois abriste a tua mão
-De lá sorria o saber-
E deste-me a escolher
Entre amar e conhecer.

-Mas eu queria amar, Pai,
E como queria saber!

Eis aqui a minha vida,
Toma todo o meu querer...

Traz a Mãe, os meus irmãos
E todos a quem quiseres;
Ensina-me mais a amar
Que o saber está escrito
Nos escombros do amor.

Como tu verás melhor...
Porque a vela que acenderes
Terá a chama do amor.

Eis aqui a minha vida,
Pai!

Com um tom de alegria
Fica ela mais airosa;
Pinta-a como uma tela,
Numa mística harmonia:
Verás que a cor dessa vela
Será luz na minha vida.

Ajuda-me a encontrar
Marcas certas dos teus passos;
Não me deixes a definhar
Como uma vela a apagar
Sem poder fortificar.

...Vês a vela a sorrir?
Olha o vento ainda a soprar
E ela sem nunca mais parar
De dar brilho a alumiar!

Eis aqui a minha vida:
Dá-lhe apoio, dá-lhe amor.

Se por acaso eu tropece
E um dia me descuidar,
Desculpa... mas acontece.

A renúncia ao amor

Deus não é de quem nasce
Nada e o que é
E não se quer nada
Que não seja o que é
Nada e o que é

(Álvares de Azevedo)

renúncia ao amor

descobria o sentido da vida

de um modo diferente

das outras pessoas.

Seu filósofo,

participava na profeta

de uma nova religião

de amor.

que deixava de sonhar

para viver

As chagas do teu trabalho

Enrubrecem esta vela

Com manchas de dor, vermelhas.

Como os espinhos da vida

São tão visíveis na cera!

Que não se não sonha,

só se vive

...Eis aqui a minha vida, Pai:

Dá-lhe um cunho de amor!

A Fernando Pessoa

"O mundo é de quem nasce
para o conquistar
e não de quem sonha
que pode conquistá-lo
-ainda que tenha razão."

(Álvaro de Campos)

Fernando Pessoa
descobria o sentido da vida
de um modo diferente
das outras pessoas.
Nem filósofo,
poeta-místico ou profeta
seriam mais felizes
do que ele,
que deixara de sonhar
para viver
e acordara de viver
adormecido.

Quem sonha já não ama,
sonha amar!
Quem ama já não sonha,
porque ao sonhar
o mundo é diferente.

É simplesmente
como deveria ser,
pré-concebido
na sua mente,
e não nascido para sofrer,
para sonhar.

Quem vive já não ama,
já não sonha!

E quando já não via
mais vida à sua frente,
Pessoa divagava
para o sonho.
Ainda era ele,
mas a sonhar...

Sonhou que não havia
mais nada além de si,
que tinha emergido
da gida
para viver outra vez
...adormecido.

1947 não é o fim!

Não digas:

"Fato é o fim!"

Porque ao pensá-lo,

Vais sentir que tudo acabou.

A não chegas ao fim

Por avais teres pensado,

Quia lá chegarás

Se mais quiseres pensar...

Não digas também:

"Os anos que já lá vão"

mas:

"Os dias que lá ficaram mais"

... e que não foram poucos.

Sabes,

O fim é a hora primeira

De que mais quiseras começar.

Eu... senta-te como um covão,

-E quando acordou

o mundo era seu! *António Guterres*

Isto não é o fim!

Não digas:

" Isto é o fim "

Porque ao pensá-lo

Vais sentir que tudo acabou.

Tu não chegas ao fim

Por assim teres pensado,

Nunca lá chegarás

Se mais quiseses pensar...

Não digas também:

" Os anos que já lá vão "

Mas:

" Os dias que te fizeram mais "

... e que não foram poucos.

Sabes,

O fim é a arma primeira

Dos que nada quiseram começar.

Tu... sentes-te como um possesso,

Arrependido

De haver trilhado este caminho?

Sempre que te sentires fraco
E queiras desistir
da tua vida
dos teus livros
dos que te amam,

Pensa primeiro antes de dizeres:

" Isto é o fim ",

Mesmo ainda que queiras terminar.
Já alguma vez
Te sentiste no fim?

Olha para além:

Vês outro sentido,
Outra luz
Que te aproxima de mais,
Mais,

De mais alguma coisa
Que nunca sonhaste ser?

Por isso não digas:

" Isto é o fim "

Nem sequer:

" Isto é o princípio do fim "

(Ainda que te custe muito)
Porque tu vais continuar
A ser mais,
Sempre mais...

Então

Não conseguirás esquecer

nem a tua vida

nem os teus livros

nem os teus que te amam,

E vais querer ser mais

Porque gostaste

Do que já recebeste.

Todos te ajudaram

A seres como és:

Nunca mais os esquecerás!

E bem dentro de ti

Soará uma nova voz

Que dirá:

"Isto não é o fim,

é apenas o fim do princípio.

Mas tu vais continuar,

não vais?

Eu sei que vais..."

Nós sabemos que vais!

Noite de sonhos,
Noite de sonhos,
Noite longa...
Noite longa pela dia,
Noite preta, serena noite.

Vou a A página mais bela
A argentea, a nua,
Eu escrevo com a noite

Quero escrever a página mais bela
Nesta folha sedenta de mentira;
Vou pintá-la, usando-a como tela,
Com uma poesia de safira.

Os primeiros retoques fazem nela
A sombra dos teus olhos que me inspira,
Aonde está a página mais bela
De um vate que procura a sua lira...

Os primeiros retoques
Vou a argentea, a nua,
Eu escrevo com a noite
Noite preta, serena noite,
Noite longa pela dia,
Noite preta, serena noite.

Noite

Noite de sonhos,
Noite sem sonho.
Noite longa...
Encurtada pelo dia.
Noite preta, serena noite.
Vem a solidão,
A angústia, a náusea.
Eu sozinho com a noite
E com os murmúrios do mar.
Quem não te conhece, noite!
Quem não te deseja!
Noite que lembra coisas tristes,
Que brinda à serenidade.
Paz de espírito.
Noite inatingível,
Quebrada pelo barulho do silêncio.
Noite directa.
Sem mágoas, sem feridas,
Noite insensível.
Noite automatizada
Dos tic-tac's,
Do ressonar dos homens,
Do sargaço na praia.

Noite suja...
Mas melodiosa:
Naquele iate distante
Há luzes, há festa.
As ondas convidam
Quem vive na noite
E os homens já dormem!
Noite sozinha,
Noite mais fria.
Noite sem ti.
Noite mais longa...
Noite frígida, estéril,
Mas virgem;
Inexplorada, desconhecida,
Noite chorada.
Noite vaidosa,
Noite dos simples.
Noite cartomante,
Sem esperança na sorte.
Noite dos amantes.
Noite...
E eu sem ti esta noite!

VI

A MENHA JIBARA

A MINHA CIDADE

Eu quero a conquista do mundo,
mas para conquistá-lo,
preciso da experiência
de quem já viveu a vida
de quem já conheceu a
cidade que quero conquistar.
Eu quero a conquista do mundo,
mas para conquistá-lo,
preciso da experiência
de quem já viveu a vida
de quem já conheceu a
cidade que quero conquistar.
Eu quero a conquista do mundo,
mas para conquistá-lo,
preciso da experiência
de quem já viveu a vida
de quem já conheceu a
cidade que quero conquistar.

VI

A MINHA CIDADE

que se A minha cidade
apenas com as coisas
de outros!

Eu gostava de conquistar o mundo,
nasci para conquistá-lo,
mas com a experiência das ideias
"das coisas da vida" socio-culturais
vi que ele não
já estava conquistado.
Não havia mais nada a descobrir-se
a conquistar,
a não ser... para
a minha experiência
-a vida da existência.
Lancei-me no trilho da aventura
(mas já outros se
tinham passado por lá,
muito antes de mim,
e deixaram pegadas fundas,
"inapagáveis"): ao tempo
os outros, viver,
sempre os outros
...que idealizaram o protótipo
do homem e da sociedade;
os outros e das pedras
das coisas antigas que demoliram;

que se relacionaram
apenas com as coisas
de outros!
Urge modificar essas sementes
já lançadas pelos outros:
porque o fruto das suas ideias
económico-político-socio-culturais
agirá sobre nós
-eu sinto
que está a tentar desabrochar-se
dentro de mim.
Mas eu não quero
seguir os outros
porque eles
pensaram mais neles
e no que deveria ser
melhor para eles:
apodreceram as raízes
que haviam germinado
porque não tinham tempo
de as cultivar.
Os outros
construíram o mundo que herdaram,
fizeram edifícios "novos"
com restos das pedras
das casas antigas que demoliram;

os outros
corrigiram erros do passado
com emendas do presente
pensando que iriam
modelar o futuro;
os outros
quiseram fazer tudo,
os outros...
Desde que nasci
foram eles que me arrastaram
-e eu aderi à sua filosofia
por simples comodismos.
Mas agora
estou farto de os seguir,
quero descobrir o meu caminho
sem pisar
o que está traçado,
sem pensar
o que já foi pensado.
Não me interessam os outros
para nada:
que se afoguem! ...
Sou eu
que vou emergir agora
e que vou traçar o meu caminho.

Vou correr pela cidade
de olhos vendados
para que todos
me vejam a caminhar
sem a ajuda de ninguém,
ou a cair
se houver pedras no chão.
Eu não me importo:
não verei ninguém!
Serei eu, eu,
eu, eu, eu,
e irei à procura de amigos
que talvez
nem oiçam a minha voz.
Seremos nós,
os novos construtores do mundo,
os architectos da felicidade;
seremos muitos
a querer a mesma coisa,
com projectos fenomenais,
com melhores arranha-céus.
Faremos a nova sociedade:
em que o homem
viva a sua vida
ilustrando a nossa estrutura

sem ser molestado
pelos outros,
sem se comprometer
com os outros,
para ser feliz
com novos amigos
sem preconceitos
e sem preocupações de rotina.
Seremos nós,
os novos destrutores
do passado,
do presente
e do futuro;
os viajantes do tempo no espaço.
Deixaremos o ódio e a guerra
com os outros,
nós queremos amar.
Espalhar-nos-emos pela cidade
de olhos vendados,
seremos os novos caminhantes.
Mas... iremos ser felizes?
Nós na cidade...
com os outros
que nos vêm agora de frente,
invejando a nossa destreza

de fazer tudo
o que eles não fizeram?
Nós... com os outros?!
Se calhar
não tropeçaremos nas pedras,
mas nos pés deles.
E eles?
Ficarão imóveis como as pedras?
Se calhar
vão-se atirar a nós
-e nós a eles.
Não haverá lugar para todos
na cidade:
seria o caos
da nossa sociedade,
assim não haverá
uma nova sociedade!
Não seremos "nós"
nem eu poderei ser feliz,
porque voltará
outra vez a cobiça,
a diferenciação
económica e social
entre indivíduos da mesma cidade;
haverá duas filosofias antagónicas,
dois extremos:

nós e os outros;
virá outra vez a guerra,
o ódio,
a opressão
e a sede do poder
para humilhar os mais fracos,
o aperfeiçoamento
de novas técnicas de combate;
outra vez
a guerra na cidade!

E o sol,
a alegria
dos rostos corados pelo sol,
o esterco
desanuviado pela felicidade
da luz do sol,
desaparecerá.
A sociedade chorará.

E choverá na cidade!...

Chove na cidade

Cai chuva... mas cá dentro chora alguém,
Zangado com o sol que ainda não veio.
E eu sei que vou chorar se ele não vem
E a noite chorará no nosso meio.

Lá fora está a chover... aqui também
E eu sei que nunca mais vai acabar.
Um homem foi à guerra, foi refém,
Viu homens na sua terra a matar:

Com a sede do poder, sem fé nem cor,
Os homens navegavam pela cidade
E o mar da Babilónia -ai que horror!

E não havia sol (nem felicidade)
E a noite não deixava entrar o amor
E o homem a chorar: ai a cidade...

A minha mãe

A história sobre

Madona

Manoel de Barros

í n d i c e

III

CANTIGAS A MAR

I

Carnaval	VEM OUVIR A VOZ DO MAR	
Cantiga de rosaria		
Vem ouvir a voz do mar		2
A arte da natura		3
× Parábola do grão do sementeador		4
× Uma flor é...		9
Como é ?!		10
Amiza-te		
Se hoje...		
O silêncio e utopia		

II

MAR PORTUGUÊS

Ode ao mar		13
A um poeta		14
Saudade		15
À ninfa amor		17
A António Nobre		18
Madeira		19
Mensagem numa garrafa		21

III
CANTIGAS À BEIRA-MAR

Carnaval	23
Cantiga de romaria	24
Chamava-se Maria	25
Salva-me esse homem!	27
Queima-me, sol!	28
A lua vigilante	30
O palácio da felicidade	31
Anima-te	32
Se hoje...	33
O silêncio é utopia	34

IV
SONHO DE AMOR

Um sonho parcial em amnésia total	36
Dormir	38
Sonho de amor	40

V
ESCRAVOS DO MAR

Vale a pena viver ?!...	48
Mãe, estou tão longe de ti!	53
× Eis aqui a minha vida, Pai!	55
A Fernando Pessoa	60
Isto não é o fim!	63
A página mais bela	66
Noite	67

VI
A MINHA CIDADE

A minha cidade	70
Chove na cidade	77